

O ESTÁGIO OBRIGATÓRIO EM UM COLÉGIO DO CAMPO: UM OLHAR ACERCA DO ESPAÇO E SUAS QUESTÕES IDENTITÁRIAS

Fernando Leite (UEL)

RESUMO: Este artigo tem interesse em ressaltar como são observadas e apreendidas as várias concepções que ligam o campo (o meio rural) às pessoas que o habitam. Através do estágio obrigatório que foi realizado com duas turmas do 9º ano no Colégio Estadual do Patrimônio Regina – localizado no município de Londrina, Paraná – questões como a permanência e a resistência, as singularidades espaciais, as visões do cidadão acerca dessas regiões e suas caracterizações foram exploradas, analisadas e discutidas em sala com os alunos. Por meio do livro *O Meu Pé de Laranja Lima* (1968), de José Mauro de Vasconcelos, e do conto “Jeca Tatu” adaptação de *Urupês* (1918), de Monteiro Lobato, buscou-se gerar uma reflexão nos alunos: nós ainda somos os “Jecas”? Quais configurações do espaço rural hoje se distanciam daquela abordada por Lobato no início do século XX? Como surgem as distâncias do meio rural de Lobato para o de Vasconcelos? Em cima disso, foi utilizado, também, o apoio do gênero textual carta argumentativa, que alavancou debates, suscitou as reflexões individuais, fomentou o contínuo de escrita e a interpretação dos alunos a respeito do espaço em que estudam.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio obrigatório; língua portuguesa; escola de campo; identidade; preconceito.

Introdução

O presente trabalho discorre sobre as reflexões da vivência do estágio obrigatório da licenciatura em Letras Vernáculas da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O Colégio Estadual do Patrimônio Regina, situado na zona rural da cidade, gerou e suscitou as discussões que intercalaram a língua portuguesa com as questões identitárias permeadas pelos alunos, que entornam e habitam esse espaço. Assim, este artigo relata e analisa, em cima dos desdobramentos do estágio, as experiências e os trabalhos realizados em um colégio de campo.

Em cima disso, as obras *O Meu Pé de Laranja Lima* (1968), de José Mauro de Vasconcelos, e *Urupês* (1918), de Monteiro Lobato, serviram como base para as discussões a respeito das imagens que pairam no imaginário coletivo e suas visões, quase sempre, caricatas acerca dos indivíduos que moram nas zonas rurais. Com isso, a partir da literatura e da

vivência dos próprios alunos, foram retomados para as aulas de língua portuguesa as imagens e os conceitos que ainda são perpetuados e reproduzidos pela sociedade citadina.

O estágio e o ambiente escolar

Ao entrar em contato com a equipe pedagógica e a professora regente do colégio no qual foi trabalhado com as quarenta horas-aula – que cumprem o estágio obrigatório de Letras Vernáculas –, e dando continuidade ao projeto traçado pela própria professora, pontos que envolvem o campo e a cidade, a identidade rural, a problemática que abarca a resistência da escola e demais questões, foram necessárias para reafirmar, com os alunos, a importância da permanência desse espaço para a comunidade.

O colégio, que fica na zona rural do município, é envolto apenas por um posto de saúde, por dois estabelecimentos (vendas) e por um restaurante rural; a escola, assim, se impõe e se destaca frente às várias plantações e pelas casas dos indivíduos que sobrevivem da terra. A visão externa corrobora, a todo momento, a aproximação entre a instituição e o meio rural.

Com o estágio do 3º ano da licenciatura em Letras Vernáculas, pede-se que trabalhe com turmas do ensino fundamental II, e, para este trabalho, o estágio abarcou as duas turmas do 9º ano do colégio, a turma A e a turma B, cada uma com aproximadamente 20-25 indivíduos. Em totalidade, os alunos que participaram do estágio moravam no Patrimônio Regina ou nos patrimônios/distritos que circunscrevem o espaço escolar. Isto é, todos pertencem a famílias que estão, também, rodeadas pelo campo.

O colégio: a identidade rural

A direção do colégio sempre esteve atenta quanto à importância de formar, nos alunos, uma consciência a respeito do espaço em que estudam, apontando, assim, para suas especificidades, dificuldades e benefícios. A escola que conta com salas mais “folgadas”, isto é, que não chegam a quarenta alunos por turma, com um meio de transporte alternativo, um ônibus fornecido pelo município, que passa nas estradas recolhendo os alunos, que se preocupa e se molda à vida destes e de seus familiares se diferencia e muito daquelas encontradas nos espaços citadinos.

Além das questões estruturais e de acessibilidade dos alunos à escola, a equipe pedagógica também vem inovando, e muito, quanto à questão da interdisciplinariedade, método que tem sido cada vez mais apontado pelos novos estudos como uma excelente forma de intensificar e melhorar o ensino-aprendizagem. A interdisciplinariedade aliada a um projeto político-pedagógico diferenciado tem dado grandes resultados para a escola que neste ano de 2019 fará apenas 12 anos.

Buscando aproximar a vivência dos alunos com o contexto escolar, o colégio tem inovado com diversos programas que incentivam os alunos a conhecer, valorizar e zelar pelo espaço em que transitam; almejando, também, estabelecer um vínculo mais profundo entre os conteúdos ensinados em sala de aula com aqueles que já fazem parte do mundo dos adolescentes.

Como afirmam Bailão e Sachs que analisaram a questão interdisciplinar na mesma escola:

O Colégio Estadual do Patrimônio Regina, nesse sentido, busca reconhecer e valorizar a identidade do campo por meio de projetos interdisciplinares, de acordo com a diretora. A escola desenvolve projetos e atividades com relação ao meio ambiente, que valorizem a vida no campo, o trabalho dos pais, toda tradição adquirida com o passar do tempo, a relação com a história, com o café e com os traços religiosos, que são fortes entre as famílias. (BAILÃO; SACHS, 2018, p. 5-6)

Ou seja, além desses projetos escolares que promovem a valorização do ambiente, a escola recorre, também, na ativação da memória deste espaço com os alunos, já que possui grande relevância, dadas suas especificidades e conquistas, estas que incentivam a permanência e a força do colégio que vem ofertando um ensino de qualidade para os alunos que estão distantes das escolas urbanas.

Encontra-se em Paulo Freire, também, a importante relação que deve haver entre o mundo que já é conhecido pelo indivíduo com aquele que encontrará em sala de aula. Freire aborda, com isto, a importância do educador e do contexto escolar em incentivar o aluno, a partir da sua leitura de mundo, refazê-la, buscando, assim, fomentar sua criticidade e sua consciência da realidade e das suas experiências.

[...] as palavras com que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. (FREIRE, p. 9).

Isto é, o colégio do Patrimônio Regina, assim como as demais escolas, tem autonomia para elaborar seu próprio projeto pedagógico, moldando-o às suas singularidades, valorizando o contexto cultural no qual os estudantes estão inseridos, como, também, incluindo os saberes rurais e as tradições locais nos conteúdos ensinados, indo de acordo, assim, com que Paulo Freire afirma em “A importância do ato de ler”.

Estágio em língua portuguesa: literatura e gênero textual

Adentrar a escola e conversar com a professora regente foi decisivo para motivar o trabalho acerca da língua portuguesa com as questões identitárias e sua relação com o campo; um projeto que já estava programado.

Trabalhou-se, antes da regência do estágio a leitura, a interpretação e algumas discussões em cima da obra *O Meu Pé de Laranja Lima* (1968), de José Mauro de Vasconcelos, o qual, por meio do personagem Zezé vai percorrendo a ambientação rural da vida do protagonista e de sua família, além de toda a problemática que envolve a narrativa, como a violência familiar, os abusos, as angústias etc. A partir de então, com o auxílio da professora regente e com um trabalho pré-delimitado, em mente, os estudos e ideias de colocá-lo em prática começaram a tomar inúmeras formas.

Com isso, iniciou-se um trabalho que dialogasse com o espaço rural que já havia sido debatido e explorado com a visão de Vasconcelos, surgindo, assim, o “Jeca Tatu” de Lobato, personagem do conto *Urupês* (1918) que se tornou uma referência problemática e caricata aos indivíduos que vivem nas zonas rurais.

A partir de então, com o romance de Vasconcelos e com o conto de Lobato diálogos entre eles foram estabelecidos, assim como diálogos entre as obras e a realidade dos alunos do colégio, a atualidade e o contexto das zonas rurais, isto é, do campo; nós ainda somos como o Jeca apontado por Lobato no início do século XX? Como é definido o caipira por Lobato?

O trabalho teve início com aulas expositivas e interativas acerca do conto de Lobato e, conseqüentemente, a leitura da narrativa do “Jeca Tatu”. Com isso, foi feito um debate com os

alunos, explorando as realidades e o contexto da protagonista no século vinte com a realidade dos alunos no século vinte e um. Interessante ressaltar aqui a rápida percepção do alunado quanto às inúmeras mudanças que nos separam da ambientação de Monteiro, como, por exemplo a forte questão tecnológica que nos rodeia.

Após a leitura das obras, foram explorados alguns textos suportes que reforçaram a imagem do caipira do século passado, como o anúncio do Biotônico Fontoura, por exemplo, que concretizou um slogan em cima da protagonista (figura 1) e um trailer do filme *Jeca Tatu* (1959), de Mazaropi que o imortalizou como “o caipira”.

Figura 1 – Anúncio Biotônico Fontoura



(Fonte: Almanaque do Biotônico, 1935. <http://lounge.obviousmag.org/proparoxitonas/2013/04/jeca-tatu-biotonico-fontoura-e-publicidade.html>. Acesso em: 28/12/2018).

Todos esses pontos foram discutidos com os alunos dentro de sala de aula: a forma como o autor caracterizou seus personagens, o porquê do caipira ser associado à preguiça, o porquê do protagonista ser visto como adoentado, alcoolatra, maltrapilho, ingênuo, sem educação, sem higiene e miserável.

Assim, questões direcionadas suscitaram os alunos a refletir sobre “o que é ser caipira, da zona rural?”, “nós temos uma função? qual?”, “nós precisamos do cidadão? o cidadão, o

urbano, precisa do rural?” “como se dá esse movimento?”. Questões que levaram os alunos a refletir criticamente a respeito do espaço em que vivem, o que falta, o que é sucateado, e observarem os privilégios que os cercam.

Após os debates sobre as obras, especialmente a de Lobato, buscou-se encontrar um gênero discursivo que pudesse gerar e suscitar nos alunos a possibilidade de questionarem e discutirem as questões polêmicas e preconceituosas que foram abarcadas pelo autor no início do século XX. Sendo assim, surgiu a relevância de se trabalhar com gênero carta argumentativa, já que ele se configura pelo fato de proporcionar aos locutores espaços em que possam expor, criticamente, suas ideias e se posicionarem a respeito delas com objetivos específicos. Assim, acerca da escolha do gênero a ser trabalhado, Koch:

quando interagimos através da linguagem, temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o outro de determinada maneira, obter dele determinadas reações (verbais ou não-verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras) (KOCH 2004 apud FLORÍPI, ARAÚJO; VIEIRA, 2016, p.261).

Com isso, aulas a respeito da carta argumentativa foram apresentadas aos alunos, mostrando as especificidades desse gênero, suas formas características, e, principalmente, suas funções. Trabalhou-se as formas de argumentação (persuadir e convencer), quais são seus elementos imprescindíveis, seus interlocutores, a quais esferas sociais ela atinge etc.

Em cima dessas aulas, as obras literárias e o gênero discursivo embasaram o projeto final da regência do estágio obrigatório, a produção de uma carta argumentativa para o Monteiro Lobato: “Lobato, nós não somos os ‘Jecas!’”.

Projeto final da regência: a produção de uma carta argumentativa

O gênero discursivo carta argumentativa se configura, basicamente, por meio da argumentação, isto é, o locutor a utilizará buscando defender, discutir, determinado ponto de vista, determinada opinião. Ao trabalhar esse gênero com os alunos, os provocamos a debater temas polêmicos que faziam parte de seus contextos e vivências, como, por exemplo, a questão do uso de agrotóxicos nas plantações. Diversas posições e argumentos foram sendo

trazidos pelos alunos, porém, apenas o que continham embasamentos críticos e científicos foram validados. A intenção foi mostrar, justamente, que só se argumenta, se defende algum ponto de vista, convence um interlocutor quando estamos munidos pela ciência e pelo senso crítico, nunca o comum.

A partir de então, buscou-se levar aos alunos reportagens acerca da escola e da região em que vivem, expondo a relevância da zona rural e a importância do colégio em que estão inseridos. Para isso foram selecionadas duas reportagens:

Figura 2 – Produção agrícola familiar



(Fonte: Bonde. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/economia/rural/producao-agricola-familiar-chega-a-80-em-londrina-74577.html>. Acesso: 20/10/2018).

Figura 3 – Colégio do Patrimônio Regina está entre os melhores do Paraná



(Fonte: Folha de Londrina. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/colégio-do-patrimonio-regina-esta-entre-os-melhores-do-parana-960599.html>. Acesso: 20/10/2018).

Tanto a reportagem extraída do jornal virtual Bonde (Fig. 1), quanto a reportagem extraída da Folha de Londrina, também, virtual (Fig. 2) possuem argumentos que embasaram as reflexões dos alunos e, conseqüentemente seus textos.

O fato de a zona rural ser responsável por levar alimentos à população citadina de Londrina, preenchendo as quitandas e os supermercados, revela a profunda ligação e dependência que há entre a zona urbana e os patrimônios que a circunscrevem.

Outro fato muito relevante foi o Colégio Estadual do Patrimônio Regina – a escola em que o estágio ocorreu –, segundo os dados do ENEM, ter se destacado no ano de 2016 entre as melhores escolas estaduais de Londrina estando em 3ª colocação. Quanto aos números do Paraná, ficou em 17ª entre as 368 escolas listadas no ranking e, levando em consideração as questões estruturais, as condições dos alunos as especificidades da escola, o ENEM considerou o colégio, baseado nesse perfil, como o décimo melhor colégio estadual do país, informações profundamente significativas, já que se trata de um colégio de campo e que foi inaugurado apenas no ano de 2007.

Debruçados sobre essas informações e estatísticas, além, óbvio, do espaço escolar em que estavam inseridos, os alunos começaram a por em prática a produção da carta argumentativa ao Lobato, mostrando quais são as realidades que os cercam e que não se configuram mais como o sujeito caricata que ele manuseou em *Urupês* no século XX. Hoje em dia, os alunos e seus familiares não estão “congelados” no tempo seja quanto à moda, às notícias, às tecnologias, às ciências; os indivíduos que estão envoltos pelo ambiente do campo estão atentos às novidades e às mudanças, não se caracterizando como o autor ou como os citadinos ainda os enxergam e os enquadram.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo. [...] Que grandíssimo preguiçoso! Jeca Tatu era tão fraco que quando ia lenhar vinha com um feixinho que parecia brincadeira. E vinha arcado, como se estivesse carregando um enorme peso. [...] Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele. (LOBATO)⁹.

Com esse conto que se popularizou e foi imortalizado pela sociedade brasileira, a imagem do caipira, isto é, do indivíduo que sobrevive da terra, foi ligeiramente relacionada

aos homens do campo. Ao ler o conto com os alunos, viu-se como essa designação ainda se perpetua na atualidade e reverbera um preconceito enraizado que suscitam imagens que não correspondem às realidades vividas pelos alunos e suas famílias.

Segue, abaixo, a carta argumentativa de uma aluna do 9º ano A que explorou todas essas questões e expôs ao seu interlocutor sua vivência no campo e qual é a importância deste espaço:

⁹ Fragmentos de “Jeca Tatu”, adaptação do conto *Urupês*, de Monteiro Lobato.

Figura 4 – Carta argumentativa de uma aluna do 9º

	COLÉGIO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO REGINA – ENS FUND E MÉDIO Disciplina: Língua Portuguesa Professor: Alessandra Côrtes Alun _____ Série: 9ª Turma: A
PRODUÇÃO DE TEXTO	
1	Londrina, 26 de novembro de 2018
2	Pregado Monteiro debate
3	O senhor é visto por muitos, como um homem, à frente de
4	seu tempo, afinal, é autor de personagens, antes, imaginárias,
5	depois de importantes, obras, na história de nosso país.
6	Porém, por ser alguém de mente aparentemente aberta, a
7	resposta é que suas personagens sejam livres de estereóti-
8	pos, e que não aconteça.
9	Tomou como grande exemplo uma personagem de sua
10	obra "Urupês", Teca Tatu, descrita como preguiçosa e "Crispina".
11	Hoje em dia, há na cidade escolas de ótima ensino, com
12	professores capacitados e alunos dispostos à aprender. A
13	qualidade de ensino é tão boa quanto a da cidade, tem
14	como fato que a escola na qual estude estava entre as das
15	melhores de Brasil no Enem.
16	Também, o trabalhador da zona rural contribui com a
17	maior parte da renda anual brasileira, além do fato de que,
18	o pequeno agricultor é que faz ser possível que em sua ca-
19	sa haja variados produtos frescos, des quais o senhor
20	certamente fazta-se.
21	"Bom, até quem faz ações", o senhor mais do que
22	ninguém sabe que pensar de forma revolucionária que
23	ainda mais revolução. E está mais do que na hora de
24	realizarmos as melhorias rurais. Por que não deixar
25	todos preconceitos para trás? Mas, desta vez, em todas
26	as aspectos.
27	Respeitosamente, A
28	
29	
30	

Por meio dessa carta argumentativa da aluna, consegue-se ver como ela articulou as questões identitárias que a envolvem e faz suas críticas a Lobato. Em seu texto vê-se a forma do gênero pedido, o diálogo com seu interlocutor, suas reivindicações e críticas acerca da obra do início do século XX. Vê-se, também, a habilidade da aluna em colocar os dados e as

estatísticas que são imprescindíveis ao se trabalhar com um gênero que demanda a argumentação e a persuasão.

Considerações finais

Este artigo, que surgiu por meio da relação com o estágio obrigatório em Letras Vernáculas da UEL, revelou a possibilidade de se trabalhar as várias áreas da língua portuguesa conjuntamente: literatura, gênero discursivo e produção de texto; assim, mescladas com as questões identitárias, revisitou-se a memória do campo e fomentou-se a importância de um colégio que, cada vez mais, tem se imposto perante o contexto citadino e suas visões que ainda permanecem obnubiladas acerca da zona rural.

Referências bibliográficas

BAILÃO, Thaís Maiara; SACHS, Linlya. *O Colégio Estadual do Patrimônio Regina e alguns de seus projetos interdisciplinares*. Disponível em:

<https://arq.ifsp.edu.br/eventos/index.php/semated/22/paper/viewFile/191/116>; Acesso: 02/01/2019.

BONDE. *Produção agrícola familiar chega a 80% em Londrina*. Disponível em:

<https://www.bonde.com.br/economia/rural/producao-agricola-familiar-chega-a-80-em-londrina-74577.html>. Acesso: 20/10/2018.

COSTA, Viviane. Colégio do Patrimônio Regina está entre os melhores do Paraná. In *Folha de Londrina*. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/colegio-do-patrimonio-regina-esta-entre-os-melhores-do-parana-960599.html>. Acesso: 20/10/2018.

FLORUPI, Simone Azevedo; ARAÚJO, Leydiane Costa Amado; VIEIRA, Romilda Ferreira dos Santos. *Gênero carta argumentativa em sala de aula: uma proposta para o desenvolvimento da leitura e da escrita*. Disponível em:

<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/14803/10821>. Acesso: 02/01/2019.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.

LOBATO, Monteiro. *Jeca Tatu, a ressurreição*. Disponível em:

<http://contobrasileiro.com.br/jeca-tatu-a-ressurreicao-conto-de-monteiro-lobato/>. Acesso: 18/10/2018.

VASCONCELOS, José Mauro de. *O Meu Pé de Laranja Lima*. Disponível em:
http://www.jfpb.jus.br/arquivos/biblioteca/e-books/meu_pe_de_laranja_lima.pdf. Acesso:
15/09/2018.